

FACES DA GLOBALIZAÇÃO

Eliane Tomiasi PAULINO*

É certo que o mundo contemporâneo, em especial a partir da década de 80, vem passando por mudanças cada vez mais rápidas e significativas em que, via de regra, sintetiza-se na denominada globalização, conceito utilizado por grande parte da mídia e da intelectualidade e, por extensão, da sociedade como um todo.

No entanto, o referido conceito exige, a priori, uma reflexão mais cuidadosa acerca de suas condicionantes, uma vez que tornou-se prática usual dissociá-lo dos processos que o engendraram, conferindo-lhe um fetiche que impede a sua compreensão e, por esta razão, um posicionamento crítico.

O fato de ter sido consolidada uma forma genérica de atribuir a todos os fenômenos econômicos, sociais e políticos da atualidade o conceito de globalização, aliado a idéia de ruptura com o qual o mesmo vem sendo veiculado, nos incita a buscar, inicialmente em Milton Santos, as bases para a reflexão do referido tema.

Para este autor, o processo que se apresenta no momento somente pode ser entendido num contexto espaço-temporal cuja construção vem de longa data, a qual foi conferindo espacialidades e temporalidades específicas e distintas nas mais diversas localidades, pela própria combinação entre os fenômenos já existentes e os que surgem, produzindo singularidades que não permitem a homogeneização, como pode sugerir o referido conceito.

Dessa maneira, apesar do autor entender que o período atual resulta da combinação de elementos técnico-científicos, os quais conferem uma nova dinâmica aos fluxos, o mesmo nos leva a refletir sobre os processos históricos que os desencadearam.

Outrossim, Milton Santos nos lembra que a divisão em períodos históricos é arbitrária, pois revela o posicionamento do pesquisador. No entanto, isto não a invalida, pois do ponto de vista da análise proposta ela é necessária, razão pela qual a resgataremos de forma breve.

Nesta perspectiva, a dinâmica atual encerra variáveis que foram combinando-se nos diferentes períodos da expansão capitalista, quais sejam:

- O período do comércio em grande escala, no qual a produção local, face as dificuldades de deslocamento, constituía-se a base da acumulação capitalista. Este período vai basicamente desde o início do século XV até 1620;
- O período manufatureiro, cuja acumulação de capital advinda do comércio na fase anterior criou as condições para a produção manufatureira, período este que vai de 1620 a 1750;
- O período da revolução industrial, que vai desde 1750 até 1870, no qual a dinâmica capitalista assenta-se basicamente na produção industrial;
- O período industrial, que vai desde 1870 até aproximadamente 1940 (2^o Guerra Mundial), o qual compreende a incorporação crescente de técnicas, atuando no sentido de intensificar a produção e a acumulação capitalista;

* Doutoranda. Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060/900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

- O período técnico científico, que tem início por volta de 1940 e que tem na tecnologia a força autônoma, estando a ela subordinada todos os demais componentes.

Assim, a periodização proposta por Milton Santos auxilia a análise do tema proposto, ao apontar para a combinação dos elementos que, em seus respectivos contextos, constituíram-se a base dos processos subsequentes, os quais resultaram da ação combinada entre o novo e o já existente.

Nesta perspectiva, a atual dinâmica comporta ações concretas em um modo de produção que, para garantir a perpetuação de sua essência, a acumulação ampliada do capital, combinou ações econômicas, sociais e políticas que resultaram no que Trotsky denomina desenvolvimento desigual e combinado.

É a partir desta tese que nos propomos a analisar a face perversa da globalização e que, segundo Marilena Chauí, apresenta três pontos centrais:

- O desemprego tornou-se estrutural, não resultando mais de fatores conjunturais ou crises isoladas, mas por operar por exclusão e não por inclusão. Isto se comprova se observarmos os elevados índices de desemprego do mundo contemporâneo, no qual variam apenas os índices.

- O capital financeiro assume o comando da economia capitalista, relegando a um segundo plano a atividade produtiva. Isto expressa o rompimento com o modelo fordista, onde a fonte de riqueza advinha da produção. Os novos ricos não são construídos a partir dos processos produtivos e sim a partir da expropriação da riqueza dos outros, através de diversos mecanismos de especulação.

- A flexibilização tornou-se a palavra de ordem, onde a terceirização dos serviços, a deslocalização e a desconcentração das grandes plantas industriais, a desarticulação na organização dos trabalhadores e a redução do Estado do bem-estar social constituem-se em elementos chaves da expansão capitalista.

Esta realidade nos coloca a necessidade de analisar o mundo não mais sob a ótica da divisão entre países ricos e pobres, mas sobretudo a partir da constituição de blocos de poder seja a nível local, seja a nível internacional, que garantam a reprodução ampliada do capital e que, dialeticamente, produzem ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais numerosos e mais pobres.

É certo que o mecanismo das trocas desiguais prevalecem, e face a eles, vamos entender a constituição dos grandes blocos econômicos, que inclusive comportam diferentes ordens de grandeza:

O bloco comandado pelos EUA e Canadá, que juntamente com o bloco da Europa Ocidental basicamente detém grande parte da supremacia no comércio mundial e que vem travando uma luta surda pelo domínio de economias cujo mercado consumidor é expressivo. O MERCOSUL, por exemplo, constitui-se num bloco de segunda grandeza, na perspectiva do comércio mundial e que vem apresentando juntamente com os demais países da América Latina, uma queda abissal na participação do comércio mundial.

No entanto, como já se fez referência, o potencial da América Latina não é desprezível, razão pela qual vimos recentemente o Presidente Americano Bill Clinton aterrisar em terras latinas, como no Brasil e Argentina, buscando consolidar ainda mais o imperialismo econômico nesta parte do planeta.

Outro bloco econômico de primeira grandeza está em ascensão e é composto pelo Japão, gravitando em seu redor os chamados tigres asiáticos, cujos modelos econômicos não podem ser entendidos senão através das demandas impostas pelos próprios japoneses.

dem
a q
delit
das
Com

dito
de a
02/1
ampl
20%

entim
que a
que, j
igualm

bomba
restam
refletir
alterna
Cardos
que ali
para a

É na articulação interna entre os países componentes destes blocos, e destes com os demais países, integrados ou não, que desenvolve-se uma guerra sem tréguas por mercados, a qual redundará inclusive no comprometimento das autonomias nacionais, haja vista as deliberações progressivas em torno de tratados que contrariam os interesses e as aspirações das populações locais. A crescente influência da OMC (Organização Mundial para o Comércio) é um exemplo deste processo.

No entanto, se o Estado Nacional é visto como enfraquecido, o mesmo não pode ser dito das classes dominantes locais que, como nunca, vêm encontrando condições concretas de ampliar seus negócios. Para efeito de ilustração, segundo a Folha de São Paulo, de 02/11/97, no período de 1960 a 1994 os 20% mais ricos do planeta tiveram a sua renda ampliada de 30 para 78 vezes sobre os mais pobres. Somente no ano de 1994, estes mesmos 20% apropriaram-se de 86% de tudo o que fora produzido neste “mundo globalizado”.

Note-se que entre os referidos 20% estão brasileiros, sul africanos, iraquianos, enfim, cidadãos dos chamados países pobres. Por outro lado, entre os 80% dessa sociedade que apropria-se de apenas 14% do produto mundial, estão americanos, italianos, ingleses que, juntamente com a expressiva massa dos pobres do terceiro mundo, acham-se igualmente excluídos ou em vias de exclusão.

Isto nos obriga a posicionamentos ante discursos e políticas efetivas, que nos bombardeiam e nos atingem cotidianamente. É através da ocupação dos espaços que ainda restam, seja na universidade, na igreja ou no circuito das amizades pessoais, que podemos refletir sobre o conteúdo excludente do capitalismo em curso, o qual nos coloca como alternativa não somente a qualificação profissional, que segundo Fernando Henrique Cardoso seria a chave de ingresso no mundo globalizado, mas a busca de novas utopias, que alimentem a luta coletiva por um mundo menos excludente, mais humano, que garanta para as gerações futuras um planeta vivo, habitável.